

Proseando

Como é doce o som do silêncio!

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades, muda-se o ser (CAMÕES). E como mudamos! Lembro-me da tristeza que sentia quando meus pais pediam-me um pouquinho de silêncio. Lembro-me de meu pai, pacientemente, dizendo: fique quietinha, um pouquinho só, vamos almoçar. Fã das palavras e barulhenta por natureza, isso, para mim, era quase um castigo. Pois bem. O tempo passa e, hoje, este texto nasceu do silêncio. E o mais interessante é que estou convivendo bem com esses momentos. Dia desses, logo pela manhã, caminhava pelo parque Vicentina Aranha e, de repente, comecei a conversar com meu silêncio. Foi uma conversa franca comigo mesma. Não é fácil retratar o silêncio, mas tentarei, por palavras, levar para o leitor a beleza daquele momento cada vez mais raro no cotidiano em que vivemos cercados de barulho: das ruas, dos bares, dos prédios, das igrejas, das casas, das escolas. É telefone que toca. É carro que buzina. É moto que ronca. É gente que grita. É televisão, rádio, computadores e celulares ligados o tempo todo. Mundo em que sequer temos o direito de ficarmos calados sem que alguém nos pergunte: o que houve? Mundo em que a criança sequer tem direito de viajar na sua fantasia, ficar quieta em um cantinho sem que alguém comente: coitadinho, o que ele tem? E assim parece que vamos nos acostumando com o barulho: “a gente acostuma, mas não deveria”. Mas vamos ao silêncio.

Claro que há silêncios que incomodam: são tantos que não há espaço para descrevê-los. Hoje, acredito que o silêncio que incomoda uma grande parcela da sociedade é o silêncio vergonhoso e imoral dos investigados pelas CPIS – maneira de fugir da culpa pelo crime. Silêncio covarde. Omissão. Cada silêncio desse é um fechar de portas para a dignidade, para a credibilidade do país. O silêncio que, por algum tempo, me comoveu foi o silêncio imposto ao doente pela incapacidade de articular palavras (triste, muito triste). E o silêncio angustiante: aquele silêncio pesado entre pais e filhos. “silêncio mais pesado que as palavras não ditas. Mas pior que ditas, imaginadas”. Silêncio que castiga. Machuca.

Voltemos ao parque. Observo o cenário: o verde das folhas. O cheiro da terra. De vez em quando, passa alguém correndo. As folhas batem umas nas outras. Parecem cochichar. Ditam-me ideias; nem precisam de palavras. É o puro deleite do silêncio. Ali, por um bom tempo, conversei, silenciosamente, comigo mesma. Não procurei explicação para nada. Apenas li a vida. Naquele ambiente sinestésico, “minha alma aliviou-se como, se num céu de nuvens, o vento as afastasse”. Ainda acredito que nascemos para a fala, mas foi no silêncio que encontrei as mais lindas cores do quadro da vida. Foi no silêncio que descobri o encanto de um caminhar no outono da vida. Olho para os pássaros na sacada. Cantam alegres. Fazem barulho. Parecem conversar entre si. No fim da tarde, vão para seus ninhos e eu fico aqui com o som da noite: o grande silêncio.

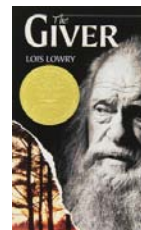
Gosto de festa. De estar cercada de amigos. De música. Mas, hoje, eu preciso de momentos como esse. Quero interiorizar o silêncio não como refúgio, mas para aprender a ficar perto de alguém sem conversar. Apenas estar presente. Entender que nem sempre precisamos de palavras. Que o silêncio, às vezes, acolhe, perdoa, afaga e declara. Que ele diz muito sem precisar falar nada. Assisti a um filme em que um homem chega para a mulher, dá um sorriso, uma piscadinha e entrega-lhe uma rosa. Sem pronunciar uma palavra. E precisava? Foi uma cena em que o silêncio falou mais alto que qualquer palavra. Pura poesia. A mãe que observa o filho dormindo no berço precisa falar o que está sentindo? Pois é, o tempo ensinou-me tantas coisas; entre elas, o encanto e a sabedoria do silêncio. Ensinou-me que só no silêncio podemos ouvir e entender as estrelas. Ensinou-me a ler o cochichar das folhas. Ensinou-me a entender os mistérios da vida e os olhares misteriosos do cotidiano. Hoje, o silêncio, para mim, é pura poesia.

Profª. Sueli Palma

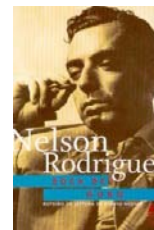
Novidades do mês



A garota na teia de aranha
David Lagercrantz



The Giver
Lois Lowry



Boca de Ouro
Nelson Rodrigues

Citações

Os desgostos da vida ensinam a arte do silêncio (Sêneca).

O silêncio é, algumas vezes, mais eloquente do que os discursos (provérbio árabe).

O silêncio é a comunhão de uma alma consciente consigo mesma (Henry Thoreau).

Todas as palavras tomadas literalmente são falsas. A verdade mora no silêncio que existe em volta das palavras. Devemos prestar atenção ao que não foi dito, ler as entrelinhas (Rubem Alves).

Sugestão Cultural

DOCUMENTÁRIOS QUE PODEM AJUDAR NOS ESTUDOS

O mês que abalou o Brasil: direção de João Wainer – mostra a evolução das manifestações que começaram com a demanda de redução das tarifas do transporte público no Brasil, em junho de 2013.

Foodmatters: direção de James Colquhoun e Carlo Ledesma – o filme mostra como os alimentos que ingerimos podem ajudar ou prejudicar nossa saúde e o que podemos fazer para vivermos melhor. O filme é polêmico e apresenta discussões sobre agrotóxicos, fertilizantes, tratamento de câncer e medicina baseada nos alimentos.

O veneno está na mesa: direção de Silvio Tendler – também sobre alimentos, o documentário aborda como as grandes empresas são responsáveis por introduzirem o tipo de produção mecanizada no Brasil e que 28% dos alimentos oferecidos à população são insatisfatórios para o consumo. Baseado em dossiê da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco) divulgado em 2012, o filme mostra que, desde 2008, quando ultrapassou os Estados Unidos, o Brasil é o país que mais utiliza agrotóxico.

Fonte: www.educacao.uol.com.br

No adeus silencioso das folhas, a mais bela poesia da natureza!

(Sueli Palma)



Texto do mês

O silêncio presente – Miriam Leitão

Eu preciso do silêncio, às vezes. Da agitação da vida, da correria diária, do mundo urbano, eu gosto também. Mas a calma que o silêncio dá preenche certos vazios, afasta alguns temores, inspira. O melhor silêncio é o da beira de algum mato, nas madrugadas de um dia sem trabalho, desobrigado. Gosto de acordar bem cedo para ouvir mais tempo aquele nada. E quem prestar atenção ouvirá todos os sons que estão escondidos: um pio de alguma ave mais matinal, o último ser da noite se recolhendo, o vento que bate na árvore. Apurados os sentidos, você percebe que está tudo em sintonia.

Hoje, mais do que nunca, eu queria o silêncio e, se o tivesse, ofereceria aos que amo, aos amigos, aos leitores, aos colegas com quem cruzo correndo e dou apenas a gentileza do bom dia. Estamos todos precisando de uma paz assim como a que vi, certa vez, no amanhecer do Pantanal. Uma paz viva.

Era escuro ainda, quando saí com o barqueiro na pequena embarcação que deslizava pelo belo rio Negro. Por que todos os rios negros são lindos? O do Pantanal e o da Amazônia. Paramos e ficamos no doce balanço do barco, bem perto de um santuário de pássaros. Eles foram acordando, dando voos inaugurais do dia, pousando vindos de não sei onde. Aquele lugar parecia um ponto de encontro de uma convocação alada. O sol começava a nascer e o espetáculo preencheu o silêncio com sons vivos. A água duplicava a beleza e era difícil saber o que era mais bonito: o real ou sua imagem refletida.

Pensei naquele amanhecer – que lembrava o início da vida – ao começar a escrever a primeira crônica para esta nova etapa do Blog do Matheus. Quem já visitou este espaço virtual sabe que aqui eu me abrijo contra certos ruídos inevitáveis dos quais eu vivo: as asperezas da ata do Copom, o relatório das agências de risco, o panorama da economia mundial do FMI, a volatilidade dos índices. Não é que não tenham graça. São importantes. É meu ofício achar ali, naquele mundo de palavras feias, textos de qualidade duvidosa, clichês e números, o que é do interesse de quem me lê ou assiste. Atravesso esses desertos de estilo atrás da chamada notícia.

Não aqui. Neste refúgio escrevo crônicas. Elas têm a vantagem de começar em qualquer ponto, inventar seu próprio trajeto e desaguar na ideia que escolhem. É conversa descosida com o leitor. É pura intimidade. Numa parte do jornalismo eu digo o que penso; aqui, o que sinto.

Hoje há essa vontade de achar a síntese do silêncio, embrulhá-la em papel colorido e oferecer a quem me lê. Como um mimo. Um presente de boas vindas a este espaço que ocupo aos sábados. Na excessiva agitação urbana, nas inconveniências dos vizinhos, nos motores dos carros, vamos nos acostumando com a falta do silêncio. Por isso eu gostaria de oferecê-lo a você, leitor, para que ele seja aconchego e proteção. Para que se recoste nele e esqueça os momentos difíceis da semana. Para que no silêncio você encontre a música que precisa ouvir. E então, descanse.

Colégio Anglo Cassiano Ricardo de Ensino Médio e Pré-Vestibular / Mantenedores:
 Anísio Spano e Saulo Daolio. Diretora: Mônica Yumi Kukita Gonçalves.
 Prof. Responsável: Sueli Brás Monteiro Palma. Revisão: Silvia Mamede.
 Editoração: Edilson Carlos Domingos. Reprografia: Paulo Rogério de Faria
 Sugestões: sueli@cassianoricardo.com.br Tel. 2134-9100.
 www.anglocassianoricardo.com.br - www.facebook.com/anglosaojose



Dicas gramaticais

Joa/ Jóia: A forma correta é joia (sem acento agudo). No Novo Acordo Ortográfico, foi abolido o acento agudo nos ditongos abertos oi e ei, nas palavras paroxítonas. Ex.: palavras com oi antes do acordo: jibóia, bóia, paranóia, heróico, joia. Depois do acordo: jiboia, boia, paranoia, heroico, joia.

Palavras com ei antes do acordo: idéia, européia, alcatéia, geléia, platéia. Depois do acordo: ideia, europeia, alcateia, geleia, plateia.

Nota: o acento foi abolido apenas nas palavras paroxítonas; nas oxítonas e nos monossílabos tônicos mantém-se o acento agudo nos ditongos éi e ói. Ex.: pastéis, anéis, herói, dói, corrói.

Fim de semana/ Final de semana: fim de semana e final de semana são locuções sinônimas. Embora haja argumentos que defendam que **fim de semana** seja mais correto por **fim** ser um substantivo e **final** um adjetivo, a verdade é que qualquer palavra no português pode ser substantivada, desde que devidamente determinada por um artigo. Exemplos: no **fim** do ano/ no **final** do ano. No **fim** do jogo/ No **final** do jogo.

Nota: antes da entrada em vigor do Novo Acordo Ortográfico, a locução **fim de semana** era hifenizada: fim-de-semana. O Acordo Ortográfico afirma que não deverá ser utilizado hífen nas locuções substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais. Exemplos: fim de semana, dia a dia, sala de jantar, cão de guarda, cor de vinho, café com leite, à toa...

Anti-inflacionário/ Antiinflacionário: a forma correta é **anti-inflacionário**. Segundo o Novo Acordo Ortográfico, o hífen é utilizado quando o prefixo termina com a mesma letra que começa a segunda palavra ou quando a segunda palavra começa com **h**. Exemplos: **anti-inflamatório**, **anti-higiênico**, **anti-herói**. Em todas as outras situações, prefixo é escrito junto à palavra já existente. Salienta-se que nas formações em que o prefixo termina em vogal e a segunda começa com as consoantes **r** ou **s**, essas consoantes deverão ser duplicadas. Exemplos: **anticoncepcional**, **antivírus**, **antiético**, **antissocial**, **antirugas**.

Trilogia/ Triologia: a forma correta da escrita da palavra é **trilogia**. Embora seja muito utilizada pelos falantes, a palavra **triologia** está errada. Exemplos: finalmente acabei de ler a **trilogia** "O Senhor dos Anéis". **Trilogia** refere-se também ao conjunto de quaisquer três coisas que tenham algo em comum, sendo assim sinônimo de trio, trindade e tríade.

Nota: embora pouco utilizados, existem termos que definem conjunto de quatro obras como **quadrilogia** e **tetralogia**. Contudo, **saga** é a palavra utilizada para indicar um conjunto de obras, independentemente de sua quantidade: a **saga** "Harry Potter", a **saga** "As Crônicas de Gelo e Fogo" a **saga** "Crepúsculo".

Remedeia/ Remedia: a forma correta da escrita da palavra é **remedeia** (forma conjugada do verbo **remediar** da terceira pessoa do singular do presente do indicativo ou na segunda pessoa do singular do imperativo. Exemplos: não se preocupe, meu pai **remedeia este estrago com fita isolante/ Remedeie** a confusão que você fez imediatamente.

Nota: o verbo **remediar** é sinônimo de corrigir, consertar, retificar, reparar, atenuar, suavizar, reduzir, evitar, impedir, medicar, ajeitar, adaptar, arranjar, arrumar, prover, abastecer, guarnecer, entre outros.

Fonte: duvidasdcio.com.br